**CONEXÕES ENTRE ENSINO DE HISTÓRIA E HISTÓRIA LOCAL NO**

**CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: EXPERIÊNCIAS DE**

**ESCOLAS DA HISTÓRICA ÁREA DO CABULA – SALVADOR/BA**

Alessandra Rita de Almeida (Colégio Estadual Euricles de Matos) alessandraritaalmeida@gmail.com

Luciana C. de Almeida Martins (UNEB)

luckianas@gmail.com

**RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo caracterizar as práticas metodológicas utilizadas pelos docentes para significar a história local no ensino de História na modalidade da Educação de Jovens e Adultos, nas escolas públicas da Região do Cabula, em Salvador/Ba. Como pressupostos teóricos, subsidiaram a pesquisa autores que trabalham com a temática do ensino de história e história local, Bittencourt (2018) e Fonseca (2006); estudiosos da Educação de Jovens e Adultos como Freire (1986) e Arroyo (2017); e pesquisadores que têm como tema de estudos essa localidade, Martins (2017) e Nicolin (2007), entre outros. Ao que se refere à metodologia, desenvolvemos um questionário *online* com perguntas abertas e fechadas para uma análise quantitativa e qualitativa. Participaram da pesquisa 6 professores que atuam em escolas públicas no ensino de história na modalidade EJA nos diferentes bairros pertencentes à área histórica do Cabula. Os resultados confirmam a importância da inserção da história local para uma aprendizagem significativa, visto que, proporciona aos alunos o reconhecimento de que são sujeitos históricos e a valorização de suas identidades.

**Palavras-chave**: Educação de Jovens e Adultos. História Local. Práticas metodológicas.

**Introdução**

A Educação de Jovens e Adultos há anos é negligenciada por parte dos poderes públicos, que propaga uma narrativa de que essa modalidade em breve será extinta, já que atualmente a maioria das crianças se encontram na escola, o que supera o problema da defasagem série/idade. Porém, o que constatamos é uma outra realidade, o número de jovens que estão adentrando essa modalidade de educação básica tem aumentado significativamente.

Os alunos da EJA em sua maioria são trabalhadores que possuem baixa renda e estão em situação de vulnerabilidade social. Como aponta Arroyo (2017), são passageiros em itinerários, do trabalho para o retorno aos bancos escolares, e cabe aos docentes pensar em estratégias de ensino para transformar a história em um componente curricular significativo

para esses alunos trabalhadores.

Acreditamos que a concretização da história local na modalidade EJA contribui para uma aprendizagem significativa por proporcionar aos alunos trabalhadores uma valorização de suas identidades e o reconhecimento de que são sujeitos históricos. Com o objetivo de caracterizar práticas metodológicas que significam a história local na modalidade de Educação de Jovens e Adultos no ensino de História, optamos pelas escolas públicas da Região do Cabula, para desenvolvermos nossa análise. Esta escolha se justifica por ser um local político da cidade de Salvador, território de bantos e iorubás, que construíram junto a outros povos oprimidos o Antigo Quilombo do Cabula.

Para conseguirmos realizar o intuito neste período de pandemia em que estamos enfrentando, que exige o isolamento social, desenvolvemos um questionário com questões abertas e fechadas e fizemos uma análise quantitativa e qualitativa. Participaram da pesquisa 6 docentes que lecionam no ensino de História na modalidade da Educação de Jovens e Adultos, em diferentes bairros que compõem a Região do Cabula. Isto implica também, constatar estratégias metodológicas que rompam o ensino tradicional (bancário) onde não há

um diálogo, colocando o estudante em uma postura apenas passiva.

No que se refere à bibliografia que subsidiou a pesquisa, destaca-se autores que abordam a relação do ensino de História com a história local, como Bittencourt (2018) e Fonseca (2006); autores que discutem a Educação de Jovens e Adultos, Arroyo (2017), Souza (2019) e Freire (1986); bem como, estudiosos da Região do Cabula, entre eles, Martins (2017) e Nicolin ( 2007).

Entendemos que ao desenvolvermos pesquisas no ensino de História na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, estamos contribuindo para romper com o estigma que historicamente se encontra nessa vertente da educação básica, entendida por muitas pessoas inclusive pelas quais elaboram as políticas públicas, como ensino voltado para atender as demandas de mão de obra necessárias para o desenvolvimento dessa sociedade capitalista.

**Antigo quilombo do Cabula: um breve histórico**

Na histórica área do Cabula encontramos elementos que revelam a resistência histórica enfrentada por homens e mulheres negras através das memórias que constituem a identidade dos moradores, bastante perceptível nos cultos de matriz africana, bem como no próprio nome do local.

Cabula é uma palavra de origem quicongo com múltiplos significados que remetem à ancestralidade banto. Segundo Martins (2017) *apud* Nascimento (1989), Kabula é um nome feminino para um ritmo religioso de matriz africana e também encontramos essa terminologia traduzida por partilhar (MATTA; REIS; SILVA, 2016 apud CASTRO, 2001). De fato, esta localidade foi palco de partilha entre povos oprimidos: alguns brancos pobres, indígenas, e em

sua maioria negros de origem banto e iorubá, e também descendentes de outras etnias africanas que se agregaram em arraiais enfrentando o sistema escravagista, formando o Antigo Quilombo do Cabula.

Ao que se refere ao Antigo Quilombo do Cabula, Nicolin (2007, p.57) descreve como “um lugar de resguardo de africanos guerreiros e destemidos que mostravam que, em momento algum, sentiam-se escravizados,e por isso criaram o palco de guerra pela liberdade e alteridade africana.” Os quilombos no Brasil foram um dos mais importantes cenários de guerra contra o sistema escravista, tendo como uma das maiores comunidades de resistência negra o Quilombo dos Palmares instalado na Serra da Barriga (AL) permanecendo por quase um século.

Como aponta Munanga (1995), essas organizações de resistência se basearam na administração dos Kilombos africanos, especificamente região banto, formados nos séculos XVI e XVII. Os Kilombos eram organizações políticas que obedeciam a uma estrutura hierárquica, centralizadora e militar.

A partir do final do século XVIII aumentou a quantidade de quilombos que se formaram na Bahia, sobretudo na capital da província,consequência do desenvolvimento econômico e a ampliação da mão de obra africana escravizada. Nesse período a Cidade de Salvador era organizada por meio das freguesias. Como aponta Nascimento (2007) são localidades delimitadas espacialmente onde os habitantes estavam subordinados à uma igreja matriz, perante o Padroado Régio que expressava uma relação intrínseca entre os poderes da esfera civil e religiosa.

Nas freguesias urbanas ocorria a movimentação do comércio se estabelecendo em um espaço mais centralizado da cidade,as freguesias suburbanas por sua vez, eram distantes e possuíam características rurais. Segundo Martins (2017) Cabula se localizava em um espaço ruralizado pertencendo à Freguesia de Santo Antônio Além do Carmo, que possuía uma extensa área abrangendo espaços urbanos e suburbanos.

A localidade do Cabula possuía mata atlântica, rios e morros, características que, para o contexto histórico da Cidade do Salvador, tanto no período colonial quanto imperial, despertava atração para formação de arraiais de moradias de libertos que, por sua vez, acolhiam negros fugidos da escravidão. Visto que, lugares como esse forneciam “suporte ecológico ao desenvolvimento de uma coletividade africana independente.”(REIS,1986, p.70). O que não significa um isolamento, os habitantes se comunicavam com negros libertos ou ganhadores que transitavam pela cidade, assim como também, a noite adentravam Salvador em busca de prover alimentos e equipamentos.

Além de abrigo a natureza que rodeava as comunidades de resistência era entendida como sagrada e por isso cultuada pelos quilombolas, cada elemento natural representava uma força ancestral, referenciada por meio das cantigas que permanecem sendo entoadas, atravessando os séculos nos terreiros de candomblé.

Estudos realizados pela historiadora Maria Baqueiro (2011) apontam que antes do Antigo Quilombo do Cabula ser formado, final do século XVIII, havia nessa localidade a presença de Tupinambás, há uma hipótese de que esses povos tenham fornecido mão de obra para a construção de Salvador. É importante ressaltar que, ao nos referirmos à localidade do Antigo Quilombo do Cabula, extrapolamos o atual bairro abrangendo também as adjacências conhecida como a Região do Cabula, composta por outras dezesseis localidades:

Arenoso, Arraial do Retiro, Beiru, Cabula, Doron, Engomadeira, Estrada das Barreiras, Fazenda Grande do Retiro, Mata Escura, Narandiba, Novo Horizonte, Pernambués, Resgate, Saboeiro, São Gonçalo do Retiro, Saramandaia e Sussuarana (MATTA; REIS; SILVA, 2016, n.p.).

O Antigo Quilombo do Cabula, segundo Reis (1986) foi desarticulado em 1807 com o ataque repressivo do capitão de assalto Severino da Silva Lessa e cabos de polícia, homens estes que se encontravam a mando do governador da Bahia, João Saldanha da Gama, o Conde da Ponte. As mulheres capturadas seguiram para a prisão e os homens foram forçados a trabalhar nos depósitos militares.

Mesmo com a desarticulação do quilombo do Cabula, a ocupação local por povos de

matriz africana continuou e, ao longo da história, as marcas e registros culturais desses povos foram sendo significadas e salvaguardadas pelas tradicionais comunidades de terreiros. O Cabula ainda se manteve com aspectos rurais por muitos anos, com chácaras produtoras de laranja de umbigo, que teve seu declínio na década de 1950, período em que a Região Cabula,

conhecida também como Miolo da Cidade de Salvador, teve seu início de modernização.

Porém como aponta Nicolin (2016) a chegada da Penitenciária Lemos de Brito, em 1950, assim como o Batalhão dos Caçadores que já havia se instalado na década anterior, não modificaram muito o sentido de residir ao redor da mata. Houve uma alteração significativa a partir dos anos 1970 com o projeto do Estado para habitação, implementando no local os conjuntos para funcionários públicos.

Essa política pública de habitação resultou nesse cenário que encontramos hoje nesta localidade. A construção da avenida Paralela e BR 324, contribuíram para que o Cabula fizesse fronteiras com vários outros bairros da cidade, se constituindo como uma região central de Salvador. Segundo Nicolin (2007) junto com o processo de urbanização dessa localidade foram instaladas as primeiras instituições escolares, como por exemplo o Colégio Polivalente fundado em 1971. Atualmente, há na região duas universidades, a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e a Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, e dezenas de instituições de ensino básico do âmbito estadual e municipal.

Apesar da Região do Cabula ter sido modificada para um projeto urbano do Estado e ser atualmente alvo da especulação imobiliária, a resistência permanece arraigada nas comunidades tradicionais que mantém enfrentando um sistema neoliberal racista. Encontramos estas formas de resistência atualmente nas memórias dos cabuleiros, “expressão que caracteriza a existência da dinâmica social constituída por formas, modos de linguagens herdados dos primeiros fundadores de territórios políticos sociais quilombolas e das primeiras casas de asé.” (NICOLIN, 2016, p.68).

 Bem como, nos projetos que buscam valorizar a cosmovisão de povos africanos que constituíram esse território e mediá-la com crianças nas escolas da região. A exemplo do Museu Virtual de Contos Africanos e Itan ( MUCAI) desenvolvido na Escola Municipal Maria da Conceição Santiago Imbassahy, Tancredo Neves/Beiru e o projeto Irê Ayó Incluso na Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos anexada ao Ilê Axé Opô Afonjá ( localizado no bairro São Gonçalo do Retiro), o que nos impele a procurar práticas semelhantes no ensino de História na modalidade de Educação de Jovens e Adultos em escolas públicas dessa localidade, discussão que faremos na sessão seguinte.

**HISTÓRIA LOCAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: TECENDO CONEXÕES**

A ampliação de pesquisas no campo do ensino de História na modalidade da Educação de Jovens e Adultos contribui para fortalecer a concepção da EJA apresentada pelo Plano Nacional de Educação em 2000, isto é, como um “direito à educação básica e também à educação ao longo da vida”, superando o pragmatismo e fortalecendo a criticidade que os conteúdos históricos podem oferecer para os alunos trabalhadores.

A conceituação da Educação de Jovens e Adultos enquanto uma modalidade da educação básica e um direito assegurado para aqueles que não tiveram a oportunidade de realizar seus estudos na idade regular, é efetivada com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) que estabeleceu também a idade mínima para o ingresso na EJA,

sendo 15 anos para o ensino fundamental e 18 anos para o ensino médio.

Os sujeitos que compõem a EJA,‘‘tiveram seus direitos violados, suas trajetórias

educacionais interrompidas e se encontram em geral, à margem da

sociedade.”(SOUZA,2019,p.24) Apesar desta modalidade ser historicamente voltada para adultos e idosos, atualmente muitos jovens estão ingressando na EJA.Vários fatores contribuem para a defasagem série/idade, perpassando questões econômicas e também práticas metodológicas adotadas pelos docentes que desestimulam os alunos provocando

evasão.

Para pensarmos sobre as práticas metodológicas na EJA, temos como um importante referencial teórico o método freiriano. Paulo Freire (1987) que difundiu uma práxis pedagógica e política para adultos visando uma educação libertadora que proporciona aos alunos trabalhadores a consciência de que são sujeitos históricos.

É imbuída dessa concepção freiriana de educação, que nos comprometemos com essa pesquisa a caracterizar práticas docentes no âmbito do ensino de história que significam a história local na modalidade EJA da Região do Cabula, Cidade de Salvador. Optamos por essa localidade para desenvolvermos nossa investigação por compreendermos a importância deste território político para os habitantes da cidade, visto que, contém uma história de resistência quilombola contra o processo de escravização, representando atualmente identidade e ancestralidade de homens e mulheres negras.

Desse modo, temos como norteadora da pesquisa as seguintes questões: A História Local está sendo significada no ensino de história na modalidade EJA nas escolas públicas da Região do Cabula? Quais as características das práticas metodológicas que apresentam essa associação entre o Ensino de História e a História Local?

As práticas metodológicas adotadas pelos professores buscam se adequar a necessidade de priorizar conteúdos no ensino de História. A seleção das temáticas a serem trabalhadas em sala de aula, como aponta Bittencourt ( 2018) coloca em conflito a autonomia do educador e

as imposições das diretrizes curriculares estabelecidas pelas políticas públicas, que insufladas pela concepção neoliberal alinha a proposta curricular a interesses internacionalistas (mercado

financeiro).

De forma geral os currículos que orientam os segmentos dessa modalidade da educação básica tendem a uma hierarquização dos conteúdos, privilegiando a história e cultura da classe dominante em detrimento da produção histórica da classe trabalhadora que no Brasil, em sua

maioria é constituída por homens e mulheres negras.

Desse modo, acreditamos que para subverter a hierarquia dos conteúdos presente nos currículos de ensino de história na EJA é necessário priorizar a História Local, posto que, essa abordagem historiográfica possibilita uma aprendizagem significativa para jovens e adultos

desenvolvendo a criticidade nos alunos trabalhadores, suscitando o sentimento de

pertencimento e valorização da sua identidade.

Abordar a história local em sala de aula não significa limitar os estudos a um determinado espaço. Como aponta Fonseca (2006) se trata de assumir uma postura dialética, analisando as contradições das sociedades, evidenciando as especificidades sem negligenciar a universalidade. A história local não se dissocia de memória, elemento fundamental nesta disputa de narrativas dos currículos, visto que, está em xeque a representação social. Por isso,

houve um empenho da classe dominante para fixar a memória oficial com o intuito de promover um esquecimento em relação às culturas de lugares tradicionais, como a Região do Cabula.

Para concretizar essa conexão entre Ensino de História e História local na EJA há diversas estratégias metodológicas e também desafios que os professores precisam enfrentar, como pode ser visto na seção seguinte, onde faremos uma análise a partir das contribuições dos docentes que atuam nessa modalidade da educação básica na Região do Cabula.

**Estratégias metodológicas da pesquisa**

Para alcançarmos os objetivos propostos optamos pelo questionário online como instrumento de coleta de dados, posto que, estamos vivenciando uma pandemia e com a necessidade do isolamento social as escolas estão fechadas, o que impossibilitou a realização de visitas e entrevistas em campo.

O questionário online elaborado contém questões abertas e fechadas para desenvolvermos uma análise com abordagem quantitativa e qualitativa. Participaram da pesquisa 06 docentes que atuam nas instituições públicas do ensino básico na Região do Cabula:

Quadro 1: Tabela das instituições de ensino e seus respectivos bairros onde atuam os docentes que participaram da pesquisa.

| Instituição | Bairro | Quantidade de Docentes |
| --- | --- | --- |
| Colégio Estadual Helena Magalhães | Beiru/Tancredo Neves | 02 |
| Escola Municipal Eraldo Tinoco de Melo  | Sussuarana | 02 |
| Colégio Estadual Professora Marilene da Silva  | Mata Escura | 01 |
| Colégio Estadual Deputado Luís Eduardo Magalhães | Arenoso | 01 |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Dos docentes participantes, 04 são do gênero feminino e 02 do gênero masculino; a maioria possui outro trabalho remunerado, apenas dois atuam exclusivamente lecionando. O perfil dos professores nos faz refletir sobre a dupla jornada dos trabalhadores da educação no Brasil ocasionado pela baixa remuneração, e no que se refere às mulheres, a carga de trabalho

tende a ser maior, cumprindo tarefas invisibilizadas no seus lares.

Os participantes possuem uma idade que varia entre 43 e 63 anos; todos com titulação de especialização.02 docentes são formados em Pedagogia (e ministram aula na EJA do ensino fundamental I) e 04 graduados em História. Quanto ao tempo de exercício da profissão no ensino de História varia entre 15 a 21 anos; com relação ao ensino de História na modalidade EJA o tempo varia entre 10 a 18 anos, o que demonstra que são bastante experientes no seu ofício.

Ao perguntarmos sobre a História Local, 05 dos participantes afirmaram que a história da Região do Cabula está presente em suas aulas na modalidade EJA,o que confirma que os docentes consideram importante essa abordagem no processo de ensino e aprendizagem. Apenas um professor não aplica a história da localidade em suas aulas, alegando que está em fase de construção das metodologias, produzindo um livro paradidático com essa temática (como parte da pesquisa na pós graduação).

Ao que se refere às práticas metodológicas no ensino de história na EJA, os docentes participantes apontaram diferentes e inovadoras estratégias utilizadas em sala de aula com os alunos trabalhadores, demonstrando uma intrínseca relação entre pesquisa e ensino na educação básica.

Dentre as práticas metodológicas adotadas os docentes apontaram para a árvore genealógica, fotografias, poesias sobre o bairro Beiru e exibição do Museu Virtual do Antigo Quilombo do Cabula. Além do uso da História de Vida, pesquisa de campo ( entrevista e produção de texto), leitura de artigos, rodas de conversa sobre o bairro de Sussuarana.

Como suporte didático, os professores participantes apontaram o livro didático aliado a outros materiais, como imagens, vídeos, textos elaborados por eles mesmos e relatos orais. As fontes orais se fazem muito relevantes no ensino da história local, visto que, ampliam as concepções produzindo outras evidências para e/ com os estudantes . Os professores utilizam também a oralidade como um modo de avaliação, junto a outros processos mais tradicionais de provas escritas e seminários e questionário.

**Conclusão**

Apresentamos nesta pesquisa algumas práticas metodológicas utilizadas pelos docentes das escolas públicas na modalidade de educação básica de jovens e adultos na Região do Cabula, para se efetivar o ensino da História local se faz necessário ter uma atitude em relação ao processo de ensino e aprendizagem que rompa com as dicotomias entre local e global.

Os dados coletados por meio do questionário confirmam que há um empenho por parte dos docentes para se concretizar o ensino da história da Região Cabula em sala de aula na modalidade EJA, indicando práticas metodológicas que conduzem aos alunos a desenvolverem pesquisa histórica sobre sua localidade, tendo como principal fonte, a oralidade. Também foi apontado o uso de metodologias ativas, como um museu virtual (Museu Virtual do Quilombo Cabula) o que contribui muito para o processo de ensino nessa modalidade, tanto pelo seu conteúdo histórico quanto pela flexibilidade que proporciona por ser virtual, se adaptando às tantas demandas que os alunos trabalhadores precisam lidar.

Ademais, neste estudo, a história local presente no ensino de história, contribui para que jovens e adultos se compreendam como sujeitos históricos, desperte o sentimento de pertencimento e valorize suas identidades, buscando alternativas para preservar o patrimônio material e imaterial da localidade em que estão inseridos.

**Referências**

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vista justa.** Petrópolis, RJ: Vozes,2017.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos.** 5 ed. São Paulo: Cortez, 2018. (Coleção docência em formação: Série ensino fundamental/ coordenação Selma Garrido Pimenta).

FONSECA, Selva Guimarães. **História Local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de história.** História Oral, vol.9, n1, p.125-141, jan-jun,2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Editora: Paz e Terra. Rio de Janeiro. 17 edição, 1987.

MARTINS, Luciana Conceição de Almeida. **História Pública do Quilombo Cabula: Representações de resistência em museu virtual 3D aplicada à mobilização do turismo de base comunitária.** Tese ( Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento). Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação da Bahia,

Salvador-Ba, 2017.

MATTA, Alfredo E. Rodrigues; REIS, Larissa de Souza; SILVA, Francisca de Paula Santos da. **Áfric(A)qui: diáspora África-Cabula e suas contribuições ao processo educativo acerca da ancestralidade afro-brasileira.** VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária. Salvador-Ba, VI ETBCES, 2016.

MUNANGA, Kabengele. **Origem e histórico do quilombo na África.** Revista USP, São Paulo (28):56-63, Dezembro/Fevereiro 95/96.

NASCIMENTO, Ana Amélia V. **Dez Freguesias da Cidade de Salvador: aspectos sociais e urbanos do século XIX.** Col. Bahia de Todos. Salvador: EDUFBA,2007.

NICOLIN, Janice de Sena. **Artebagaço Odeart ecos que entoam a mata africano-brasileira do Cabula.** Dissertação (mestrado) Universidade Estadual da Bahia.

Faculdade de Educação. Salvador-Ba, 2007.

NICOLIN, Janice de Sena. **Kipovi Cabuleiro: um tom da memória do Cabula.** Tese ( Doutorado Educação e Contemporaneidade). Universidade Estadual da Bahia. Faculdade de Educação. Salvador-Ba, 2015.

PARAÍSO, Maria H. Baqueiro. **A presença indígena na construção da cidade do Salvador.**

In: NASCIMENTO, Jaime; GAMA,Hugo (Orgs.). A urbanização em três tempos -Colônia,

Império e República. Vol 1. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2011.

REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835.**

Editora Brasiliense. São Paulo, SP, 1986.

SOUZA, Edna Rodrigues de. **A juvenilização da EJA: Quais saberes? Quais práticas? Qual currículo?** Dissertação ( Mestrado Profissional )Universidade do Estado da Bahia.

Departamento de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação de Jovens e

Adultos-MPEJA, Câmpus I, 2019.